

OS OPOSTOS

Helio Rodrigues

Apesar de sermos culturalmente motivados a buscar similaridade nas relações e escolhas, somos na verdade atraídos por tudo que nos opõe. Sabemos inconscientemente que iremos encontrar possibilidades muito mais ricas de desenvolvimento, aprendizado e prazer nas diferenças.

Há uma desmedida riqueza no grande espaço criado entre os opostos de qualquer natureza, sejam esses opostos de ordem física, comportamental, ideológica, religiosa, estética, social, racial, cultural, etc.

A arte tem o poder de circular entre contrários e deles se alimentar, enquanto procura paradoxalmente “uni-los”. É através dos diálogos construídos entre os opostos que se constitui grande parte da dinâmica artística. Não há arte, não há formação estética sem conflito porque é do caos ou da sua proximidade que surgem possibilidades.

São poucas ou pobres as condições de se criar num espaço preenchido por similares. Já no ambiente dos diferentes são naturalmente produzidos conflitos que podem gerar energia para a promoção da criatividade. É portanto, no espaço vazio produzido pelo choque entre opostos que se pode aproveitar a dinâmica e a energia que eles produzem.

O impedimento de contato com opostos é gerador de crescimentos incompletos, parciais... Tendem a promover e valorizar repetições, e o ambiente das repetições costuma ser estéril, até pela falta de contrapontos para fertilizá-lo.

No universo artístico as repetições de forma, cor, gesto ou ideia, quando motivadas pela busca de harmonia, reduzem a possibilidade de ritmo nas construções artísticas e passam a promover apenas monotonia. Como na arte nada se constitui como regra, a repetição de um tema pode ser, ao contrário do que acabei de dizer, extremamente rico dentro do processo artístico.

Muitas vezes temas voltam ao espaço de criação porque suas possibilidades de expressão e representação ainda não foram esgotadas, ou seja, esse ainda é um assunto de importância no imaginário do autor. Portanto, ao invés de se tentar conter recorrências, vale antes se pensar o quanto elas podem ser legítimas e assim até se tornarem conteúdo motivador da criação.

No ambiente arte-educacional, cabe ao arte-educador levar esse aluno à pesquisa de formas artísticas diversas para a abordagem desse conteúdo recorrente

Importante lembrar que um assunto só perde a sua importância quando é resolvido ou transformado e, repetições no “falar artístico”, tendem a transformar o original ou esgotar seus conteúdos.

Nas artes visuais, o espaço entre duas cores distintas pode conter uma infinidade de tons produzidos a partir da mistura em diferentes doses dessas cores. Esses tons são capazes de provocar num único espectador os mais variados e até contrários sentimentos e sensações. Uma linha reta, dura e geométrica pode ganhar expressão, tornar-se poética quando atravessa a imprecisão de uma mancha produzida com aquarela. Da mesma forma, uma mancha pode ganhar força com a presença de uma linha precisa.

Na arte e na vida, os espaços vazios produzidos pelas oposições e conflitos podem oferecer ilimitadas possibilidades criativas.

O excesso de harmonia costuma reduzir o contraste e com ele o diálogo entre as partes, sejam indivíduos ou argumentos artísticos.

Elementos excessivamente harmônicos promovem silêncio entre as partes que compõem uma situação ou obra. Muitas vezes reduzem a conversa entre pessoas e no caso da arte, o diálogo entre espectador e obra. Já os elementos considerados desarmônicos costumam promover material para “conversa” entre as partes, exatamente pelos “desacordos” que costumam trazer.

No universo das relações interpessoais, ambientes aparentemente desarmônicos são capazes de promover intenso desenvolvimento caso haja flexibilidade nas fontes de opinião.

Nos grupos de arte, o diálogo (seja movido pela palavra ou por ações diferenciadas) entre os integrantes costuma ser facilitado pela estrutura democrática que sustenta e permeia a arte. Além disso, pode ser um ampliador da energia criativa do grupo.

A diversidade, com todos os seus contrários, é a grande fonte de desenvolvimento humano.

Uma simples aproximação entre opostos promove grandes trocas e crescimento.

Por ser a questão dos opostos muito importante dentro dos processos criativos, torna-se importantíssimo que o professor dedique atenção ao assunto através de um olhar tão particularizado quanto possível dentro dos grupos de arte.

Nesses grupos, o contato de um aluno com seu oposto é sempre uma experiência enriquecedora. Não só para os processos artísticos em si, mas também como oportunidade para a relação desse aluno com aspectos de seu pensar e agir, muitas vezes pouco ou nada experimentados por ele apesar de serem fundamentais para a constante construção de sua identidade.

No ambiente tão diverso e fértil que costuma caracterizar a arte, a desordem interna de um aluno pode ganhar forma a partir de seu encaminhamento à ordem que de alguma maneira está contida durante o processo artístico. Também o aluno obsessivamente organizado pode experimentar o caos que costuma anteceder à criação e passar a aceitar com menos sofrimento suas inevitáveis desordens pessoais.

Ainda sobre os benefícios de se lidar com os contrários pode-se considerar, por exemplo, que, num grupo de alunos, um tímido pode refletir e atuar sobre suas dificuldades a partir das dificuldades de um hiperativo.

Na vida, o acolhimento ganha importância quando se experimenta a rejeição.

Lidar com o contrário pode ser difícil, incômodo e até doloroso para alguns, no entanto, mesmo nas condições mais complexas há muito que se aprender e desenvolver, principalmente se não houver resistência na relação.

Na arte, assim como na educação, a aceitação dos opostos aproxima os indivíduos da sensação de plenitude, já que a relação com apenas um dos lados de nós ou de uma questão pode ser considerada como uma relação incompleta.

Certa vez um aluno de escultura me mostrou através de seus consecutivos “desmoronamentos” na argila o quanto vinha tentando sustentar grandes massas e pesos sem considerar a ausência ou pouca estrutura que ele produzia nas construções. Agindo sem o uso direto da palavra, propus a criação de peças apenas com ferro e soldas. Trabalhamos intensamente com questões voltadas para o equilíbrio e a

simplificação. Tempos depois, propus a utilização apenas da argila, sem qualquer recurso estrutural; apenas o exercício de distribuição consciente e equilibrada da massa. A resposta veio do próprio aluno, através de uma conversa dele comigo e o grupo enquanto ele comparava e percebia o enorme progresso entre seus trabalhos anteriores e os atuais e até o reflexo disso em sua vida. Outra vez um aluno arquiteto apresentava em suas pinturas e desenhos uma visível influência do traçado arquitetônico aprendido na faculdade. Influência que o mantinha distante de uma personalidade própria durante o fazer artístico, além de uma certa dureza nos resultados que ele apresentava. Propus algumas experiências com a xilogravura e aquarela alternadamente por serem técnicas de certa maneira contrárias, já que podem dispensar o desenho como estrutura. Este aluno conseguiu realizar avanços. Apenas esses avanços ocorreram num tempo diferente dos alcançados pelo aluno do exemplo anterior. Percebi nele uma certa resistência para abandonar a grafia arquitetônica para se deixar levar por caminhos mais pessoais de representação.

Nesses dois exemplos, acreditei que um necessitava de mais estrutura para não desmoronar suas ideias e o outro perder o excesso de estrutura recebida. Em ambos, foram propostos exercícios contrários aos que eles até então vinham experimentando.

Esses como tantos outros exemplos vividos por mim como professor, sempre me mostram como é possível estabelecer uma comunicação entre arte-educadores e alunos sem que seja fundamental o uso da palavra. Certamente quando não se utiliza a palavra como ferramenta tradutora dos significados, confirma-se a autonomia da arte.

Por fim, sugiro que ao contemplar qualquer produto ou ação artística os arte-educadores procurem, antes de pensar apenas com palavras ou decodificar significados, observar os diálogos produzidos entre os opostos que possam estar presentes na obra.

Talvez sejam mesmo os contrários um os principais responsáveis pela dinâmica promotora do diálogo não só entre pessoas como também entre os elementos que constituem uma obra de arte.

Alguns opostos para reflexão:

- **Processo x produto.**

Processo:

Toda ação artística independe de produto, mas não existe sem processo.

Produto:

Alguns produtos registram o processo.

Nos produtos artísticos infantis, os significados compartilhados pela criança nem sempre são permanentes.

No caso das crianças pequenas, o produto pode se configurar a partir da simples interrupção (por desgaste ou perda de conexão) de um processo.

- **Recreativo x Lúdico**

Recreativo:

Recreação livre envolve improviso e descomprometimento. Quando existem conquistas, elas são espontâneas e diversas.

Recreação dirigida pode incentivar informações e não levar a conhecimento.

Pode também ser uma fonte de experiências importantes para o desenvolvimento.

Lúdico:

Educação que utiliza a ludicidade, muitas vezes contida na arte, como recurso para veicular uma informação.

Expressões e processos artísticos podem estabelecer uma relação íntima com o lúdico.

- **Ordinário x extraordinário**

Ordinário:

Pensamento, ação ou produto sem relação com autoria ou com o legítimo.

O que em geral se mantém na superfície. Se mantém no universo das concretudes.

Costuma ser um recurso confirmador do estabelecido. Relaciona-se com o estabelecido.

Aquilo que não representa um indivíduo em sua particularidade.

A busca a qualquer preço por pertencimento social, por exemplo, pode fazer um indivíduo envolver-se ou mesmo constituir-se de elementos sem legitimidade, ordinários.

Extraordinário:

Pensamento ou ação que legitimam um indivíduo.

Pensamento ou ação que legitimam algo. Essa legitimação de algo (produto artístico por exemplo) pode ocorrer por apropriação, identificação ou autoria.

O que promove consistência para um indivíduo e o constitui sujeito.

Pensamentos e ações transformadoras podem produzir ou levar ao extraordinário.

Diz respeito à particularidade.

Um olhar extraordinário enxerga o que pode ser representativo de alguma pessoa ou de algo. Fertiliza ideias, faz nascer, modifica ou instiga à mudança o que parece estabelecido.

- **Informação x conhecimento**

Informação:

Denuncia, provoca (quando tem função).

Conhecimento:

Transforma. Só existe ação transformadora quando uma informação torna-se conhecimento. (Conhecimento de si mesmo, conhecimento do outro, pessoa ou coisa)

- **Interno x externo.**

Interno:

Pessoa / Sujeito / Reflexão / Subjetivação

Externo:

Personagem / Persona / Comportamento / Objetivação

Na arte, as relações entre o **interno** e o **externo** promovem retro alimentação. A fita de Moebius traz a representação dessa saudável circulação.